

29 DEZ 1987

Maciel propõe um turno só para eleger prefeito

Arquivo — 28/7/87

RECIFE — O presidente nacional do PFL, senador Marco Maciel, disse que a eleição em dois turnos "é importante para presidente da República, discutível para governador e desnecessária para prefeito" e anunciou que o PFL, juntamente com outros partidos — não citou quais — vai subscrever duas emendas que estão sendo redigidas na Constituinte suprimindo os dois turnos nas eleições municipais.

Maciel argumenta que 80% dos municípios brasileiros têm menos de 10 mil habitantes e "seria extremamente complexo, além de muito caro, o processo eleitoral em dois turnos". Ele está convencido também de que os pequenos partidos só terão condições de chegar ao poder através das prefeituras, já que, sendo instituído o processo de dois turnos para presidente e governador, "somente dois ou três partidos terão condições de se sobressair a ponto de eleger o presidente e os governadores".

Em 1982, Maciel foi acusado pelo PMDB de ter utilizado a vinculação de votos entre prefeito e governador com o objetivo de barrar o crescimento da oposição. O senador não tem receio de receber agora uma acusação semelhante, embora o PMDB sonhe com o segundo turno para, em aliança com os partidos de esquerda, conquistar as capitais. Ele acha que é uma questão de "bom senso" realizar as eleições municipais em um turno só.

Maciel acha que o objetivo da eleição em dois turnos para presidente é o de



Marco Maciel

evitar, como afirma, que "algum líder carismático ou populista empolgue uma parte do eleitorado e se eleja, levando o país ao separatismo ou mesmo à guerra". Entende que nas eleições para governador e prefeito esse perigo não existe "porque nem o governador nem o prefeito teriam poderes para mudar os rumos de um país". Diz que há muitos casos de governadores e prefeitos eleitos com até menos de 30% do eleitorado e que nenhum problema criaram no exercício do mandato. O mesmo não tem acontecido pelo mundo, na sua opinião, em relação aos presidentes. Maciel tem afirmado a amigos que Hitler se firmou na Alemanha sem a maioria absoluta e criou grandes problemas, mas não gosta de citar o caso abertamente, "para evitar comparações".

Daso acha que faltará quórum à Constituinte

BRASÍLIA — A primeira sessão da Constituinte, após o recesso de fim de ano, não deverá contar com número suficiente de parlamentares para concluir a votação do regimento interno. O deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ), um dos líderes do *Centrão*, antecipou que os políticos do grupo estão tendo dificuldades para encontrar vaga nos aviões para Brasília a 4 de janeiro.

— O dia 4 será o primeiro dia útil do ano, e os aviões estão lotados. Será impossível chegarem à Brasília 280 pessoas na parte da manhã — disse Daso.

Ele previu que, após a aprovação do regimento — na primeira semana do ano — em 15 dias estará sendo votado o texto constitucional. Em meados de abril deverá estar pronta a futura Constituição, acredita o deputado, que acusou o PT e o PDT de atrasarem a votação.

Daso Coimbra calcula que ainda estejam com o *Centrão* de 310 a 316 parlamentares, dos 319 que o fundaram. Ele acha, contudo, que não será possível mobilizar este número em todas as votações. Em algumas, supõe, o grupo pode até não contar com a maioria. "Em determinadas questões, teremos 270 votos, em outras 250 ou 300".

— Os problemas regionais poderão influenciar certas posições no *Centrão*. Nós temos unidade, mas não uniformidade, pois temos liberdade de pensamento — concluiu Daso.

Sant'Anna prega união centrista

SALVADOR — O líder do governo na Constituinte, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), disse que o *Centrão* continuará unido na votação de questões básicas da futura Constituição. Depois de afirmar que o grupo reflete a sociedade brasileira, "que é democrática, cristã, de centro, ligeiramente para a esquerda", o parlamentar comentou:

— O *Centrão* surgiu para enfrentar uma situação criada pela Comissão de Sistematização, que teve um perfil muito forte de esquerda ideológica, por haver sido composta a partir de indicações dos líderes dos partidos, sobretudo do líder do PMDB, senador Mário Covas. A Sistematização mudou profundamente o que veio das subcomissões.